

“A VOLTA DO CULTURAL” NA GEOGRAFIA

Prof. Dr. Paul Claval
Université de Paris IV-Sorbonne

RESUMO

O artigo analisa as mudanças recentes ocorridas na Geografia Cultural, que conduziram a uma “volta do cultural” na Geografia. Após uma breve apresentação das novas bases da epistemologia científica, o autor descreve os novos rumos das relações homens/meio ambiente, trata da abordagem regional a partir do interesse da Geografia Cultural pelos lugares, enfoca as relações sociais na abordagem cultural, especialmente o papel da comunicação. A análise assim desenvolvida conduz a concluir que a abordagem cultural demonstra interesse crescente pelos problemas morais do mundo atual, pelas Geografias Vernaculares e pelas Etnogeografias.

RÉSUMÉ

L'article analyse les changements récemment intervenus dans le domaine de la géographie culturelle, et qui ont conduit à un véritable “tournant culturel” de l'ensemble de la géographie. Après une courte présentation des nouvelles bases de l'épistémologie scientifique, l'auteur décrit les orientations prises récemment par les relations hommes/lieu; il traite de l'approche régionale en soulignant l'attention que la géographie culturelle accorde aux lieux; il met l'accent le rôle des relations sociales dans l'approche culturelle; il insiste plus particulièrement sur le rôle de la communication. L'analyse ainsi développée conduit à la conclusion que l'approche culturelle montre un intérêt grandissant pour les problèmes moraux du monde actuel, pour les géographies vernaculaires et pour les ethnogéographies.

Introdução

O presente artigo versa sobre a Geografia Cultural (Claval, 1999; Bonnemaïson, 2001). Por trabalhar sobre esta temática nos últimos vinte anos, sou levado a concluir que o papel da geografia cultural na atualidade é mais importante do que no passado, conduzindo, inclusive, nossos colegas na Inglaterra a falar, nestes últimos anos, de uma “volta do cultural” (*cultural turn*) (Cook et al., 2000; Valentine, 2001; Claval, 2001-e).

A Geografia Cultural, ou mais precisamente o interesse dos geógrafos pelos problemas culturais, nasceu na mesma época da Geografia Humana, final do século dezenove. Pode-se destacar três momentos no seu desenvolvimento :

1- Final do século dezenove até os anos cinquenta : os geógrafos adotavam uma perspectiva positivista ou naturalista, não estudando a dimensão psicológica ou mental da cultura. O interesse voltava-se para os aspectos materiais da cultura, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida. As representações e as experiências subjetivas dos lugares foram completa e voluntariamente esquecidas. Contudo, a contribuição desse período também foi importante. Esta perspectiva mostrou que os aspectos culturais fundamentais para a Geografia inserem-se em três domínios : a) das relações homens/meio ambiente, através do estudo do meio humanizado, da paisagem, das técnicas e das densidades; b) das relações sociais, a partir do estudo das instituições, da comunicação e da difusão das idéias e das técnicas; c) da organização regional e do papel dos lugares.

Essa classificação permanece útil para o entendimento dos problemas atuais, fato que me leva a utilizá-la neste trabalho.

2- Anos sessenta e setenta : a evolução da Geografia Cultural deu-se numa tentativa de utilizar os resultados da “Nova Geografia” para uma sistematização metodológica. Esta perspectiva não me interessa atualmente.

3- Após anos setenta : ocorreu uma mudança significativa, haja vista a Geografia Cultural deixar de ser tratada como um subdomínio da geografia humana, posicionando-se no mesmo patamar da Geografia Econômica ou da Geografia Política.

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica.

Para entender as mudanças recentes da geografia cultural e do seu sentido para a ação humana, procederei da seguinte forma: na parte inicial do trabalho, uma breve apresentação das novas bases da epistemologia científica torna-se necessária (Claval, 2001-a); na segunda parte, descreverei os novos rumos das relações homens/meio ambiente; na terceira, tratarei da abordagem regional, especificamente do que aconteceu com a Geografia Cultural face ao crescente interesse pelos lugares; na quarta parte, enfocarei as relações sociais na abordagem cultural, especialmente o papel da comunicação; na conclusão, mostrarei que, graças à abordagem cultural, a Geografia apresenta interesse crescente pelos problemas morais do mundo atual, pelas Geografias Vernaculares e pelas Etnogeografias.

Novas condições da epistemologia e abordagem cultural

a- Fenomenologia, Filosofias Críticas e nascimento de uma nova epistemologia

A epistemologia das Ciências Humanas e Sociais começou a mudar nos anos 1970 (Claval, 2001-a). Graças à fenomenologia, o interesse pela experiência direta dos lugares e pelo sentido de morar (para quem e não para que, hoje e não ontem) se desenvolveu.

Graças às filosofias críticas, principalmente ao marxismo, aparece a idéia de que no campo social o positivismo teria um papel conservador. A necessidade de integrar perspectivas existenciais e críticas em todas as Ciências Sociais se impôs, denotando uma perda de credibilidade das grandes narrativas desenvolvidas pelas ciências sociais e históricas.

b- A Geografia é sempre ligada à cultura onde se desenvolve

A abordagem cultural impõe a necessidade de repensar a Geografia Humana. Deste repensar nasce uma primeira idéia, aquela de que a Geografia Humana não pode ser totalmente desvinculada da cultura onde se desenvolveu, dado também válido para as demais Ciências Sociais, a Economia, as Ciências Políticas, a Sociologia, a Etnologia...

O econômico, o político e o social nunca existiram como categorias imutáveis e independentes do espaço onde se encontram. Elas dependem da cultura no seio da qual funcionam. São exemplos desta constatação o desenvolvimento de estudos sobre : a dimensão cultural do consumo, no campo da geografia econômica e da economia ; a governabilidade nas Ciências Políticas.

Conseqüentemente, o campo da abordagem cultural na Geografia Humana amplia-se, tomando proporções maiores do que o da Geografia Cultural do passado.

c- A Geografia tem de utilizar a técnica da “descrição densa”

A realidade que os geógrafos estudam é sempre aquela de uma cultura particular. Como analisar essa realidade sem considerar seus recortes mais importantes, sem perder o que faz a sua especificidade ? Ao desconfiar dos relatórios simples, por serem feitos na óptica do observador, o etnólogo Clifford Geertz (1973) nos dá um norte. O etnólogo e o geógrafo devem praticar a arte da “descrição densa” (*thick description*). Trata-se da única maneira possível de integrar, pelo menos, algumas das particularidades culturais das populações e dos lugares estudados.

d- A visão da cultura deve permanecer crítica

O uso do termo cultura deve ser crítico. Para alguns, a dinâmica das culturas aparece como uma dinâmica de diferenciação a proteger. Tudo o que favorece a uniformização do mundo deve ser censurado. Para outros, existe sempre uma dimensão de universalidade nas culturas.

A valorização da diversidade, ou da uniformidade e da universalidade, resulta de escolha ideológica. Nenhuma dessas preferências aparece como uma das componentes obrigatórias da abordagem cultural.

e- Existem diferentes concepções de cultura

A reflexão epistemológica estabelece que existem diversas concepções de cultura.

1- Numa primeira concepção, a cultura aparece como um conjunto de práticas, de *savoir-faire* ou *know hows*, de conhecimentos e de valores que cada um recebe e adapta a situações evolutivas. Nessa concepção, a cultura aparece ao mesmo tempo como uma realidade individual (resultante da experiência de cada pessoa) e social (resultante de processos de comunicação). Não é uma realidade homogênea. Ela compõe muitas variações.

2- Numa segunda concepção a cultura é apresentada como um conjunto de princípios, regras, normas e valores que deveriam determinar as escolhas dos indivíduos e orientar a ação. Essa concepção a define como imutável.

Essa concepção é útil para compreender a componente normativa dos comportamentos, mas as regras são interpretadas tanto para justificar escolhas diversas como para motivá-las.

3- Numa terceira concepção, a cultura é apresentada como um conjunto de atitudes e de costumes que dão ao grupo social a sua unidade. Essa concepção da cultura tem um papel importante na construção das identidades coletivas.

Existem diversos níveis de realidades culturais. Geógrafos sempre devem permanecer conscientes da estrutura complexa desse aspecto das sociedades humanas (Bonnemaison, 2001).

A renovação do estudo das relações homens/meio ambiente

a- Novas perspectivas sobre as relações homens/meio ambiente

A geografia cultural da primeira metade do século vinte desenvolveu-se antes das formulações modernas e sintéticas da Ecologia. Estas formulações apareceram somente em 1942 com o trabalho de Lindeman (1942) sobre o ciclo da energia na natureza, vulgarizando-se nos anos cinquenta com as publicações de Odum (1957).

Atualmente, os geógrafos analisam as relações homens/meio ambiente segundo a perspectiva ecológica : a transferência de energia solar de um ser a outro através das cadeias tróficas; os ciclos das matérias.

Tal perspectiva aparece como totalmente científica, embora esqueça o papel das representações do meio ambiente por parte das populações locais, da sua compreensão dos mecanismos ecológicos, da sua concepção da natureza em relação com a divindade ou o sagrado. Acho que as pesquisas de Scott Hoeffle (1997) sobre as representações populares do meio ambiente no sertão do Brasil oferecem uma boa introdução às contribuições dos geógrafos nesse domínio. Na França, Augustin Berque (2000) publicou livro sobre o ecúmeno (*L'écumène*), propondo um olhar global acerca desse domínio.

A compreensão da parte realmente científica da Ecologia moderna e da parte apresentada sobretudo como ideológica são fundamentais no entendimento da ação humana no mundo atual. Esse tipo de visão crítica está presente nas obras de Augustin Berque (1990), de Philippe Pelletier (1993), de David Harvey (1996) e de Paul Claval (2001 - b).

b- Novas perspectivas sobre as paisagens

As paisagens desempenharam um papel importante na Geografia da primeira metade do século vinte, entretanto seu estudo permaneceu essencialmente baseado em duas concepções : a concepção funcional e a concepção arqueológica. Na primeira, a paisagem era concebida como reflexo do funcionamento social, cultural e econômico da sociedade. Na segunda, parte da paisagem não refletia o funcionamento atual, mas os funcionamentos passados. A dimensão estética quase não foi contemplada, salvo na análise da harmonia da paisagem feita por alguns geógrafos alemães.

Atualmente a situação é completamente diversa. Os geógrafos estudam a dimensão estética das paisagens, quer sejam rurais ou urbanas, quer sejam as paisagens dos pintores.

A idéia fundamental é de que os geógrafos devem conceber o estudo da paisagem como uma exploração da convivência que se desenvolve entre ela e os homens, segundo a visão de Gilles Sautter (1979). Existem muitos estudos sobre a significação filosófica e estética da paisagem no Ocidente (Alain Roger, 1997), no Japão e na China (Augustin Berque, 1995; 1996).

Os governantes utilizam as paisagens como suporte de suas mensagens de propaganda ou de sua ideologia. As classes dominantes justificam a sua supremacia social e política pela qualidade das paisagens que planejam (Denis Cosgrove, 1984; James Duncan, 1990).

Nem sempre as paisagens traduzem a vontade da manipulação ideológica expressa pelas classes dominantes. Marc Augé (1990) desenvolveu outra orientação de pesquisa. Ele considera que, no mundo moderno, uma parte importante das paisagens é planejada para servir de guia aos utilizadores dos serviços públicos, como as das auto-estradas e dos grandes aeroportos. Augé fala de um tipo de contrato social mudo entre os planejadores e os utilizadores.

Para Kenneth Olwig (1996), a organização da paisagem reflete a existência de um sistema de poder : existe uma relação entre o país como criação política e a paisagem como expressão da personalidade do grupo social. O sentido de identidade de muitas coletividades sociais está ligado às paisagens da lembrança e da memória.

c- Novas perspectivas sobre o papel das técnicas

Parte importante da Geografia Cultural da primeira metade do século vinte tratava do papel das técnicas nas relações homens/meio ambiente.

Embora esse campo de pesquisa tenha sido modernizado, ele não aparece com a mesma importância de sessenta ou setenta anos atrás. Na nova abordagem cultural, não se pode isolar os aspectos materiais das técnicas (as ferramentas, as máquinas) dos seus aspectos mentais (os modelos usados pelos fabricantes das ferramentas, os gestos ligados com os seus usos e os termos para descrevê-las e utilizá-las).

Essa nova perspectiva abre possibilidades para a Geografia Histórica. Um bom exemplo na França é oferecido pelas publicações de Jean-René Trochet (1993; 1998) : ele explora as relações entre as bases técnicas das sociedades passadas e as suas formas de organização social (o sistema familiar) e políticas (do tipo tribal ou clânico, ou do tipo cidadão).

Para concluir essa parte do trabalho, pode-se dizer que a nova abordagem cultural conduziu a uma renovação profunda do estudo das paisagens, a uma perspectiva crítica sobre a Ecologia contemporânea e a um progresso importante, mas menos significativo, da análise das bases técnicas da vida coletiva.

A diversidade regional das culturas e a organização do espaço

Na primeira metade do século XX, a Geografia Humana focalizava a descrição e a explicação da diversidade regional da terra. Como as culturas nunca aparecem semelhantes em lugares diversos, a cultura serviu como um fator importante da explicação da diversidade da superfície terrestre. O estudo estava todavia fundado sobre um princípio frágil : o pesquisador buscou explicar as características de um lugar ou de uma região através da análise dos seus aspectos econômicos, sociais e políticos. Caso não fosse possível fazê-lo, o pesquisador recorria aos dados culturais : o fator cultural sempre apareceu como um fator residual.

Atualmente, a Geografia Regional e muitas vezes considerada como um setor secundário da disciplina. Tal afirmação não é verdadeira. O foco dos estudos regionais simplesmente mudou : não se dá mais na escala regional e sim na escala local. A atenção se focaliza sobre o lugar e o território.

Falar de regiões é falar de realidades sociais já existentes. Falar de lugares e de territórios é falar da significação do espaço para cada indivíduo e da maneira de construir objetos sociais a partir das experiências pessoais. Daí a atenção dada ao corpo como fonte de todas as experiências espaciais dos indivíduos. Daí o interesse dado ao papel da imaginação - da imaginação geográfica - na construção das categorias sociais e territoriais.

O resultado dessa evolução é a substituição dos conceitos de território (na França, na Itália, no Brasil) e de lugar (na Inglaterra e nos Estados Unidos) por esse de região.

a- O papel do corpo na experiência humana

Nossa experiência espacial aparece inicialmente como visual. São muitos os trabalhos versando sobre o papel do olhar na construção do espaço e no seu controle : advinda da obra de Michel Foucault (1976), essa temática ocupa um papel fundamental.

Entretanto, os cheiros dão aos lugares parte de suas especificidades. A lembrança dos lugares é também ligada aos sabores das comidas locais, da vegetação queimada e da terra úmida depois da chuva.

Outrossim, a experiência corporal muda com a idade e com o sexo, apresentando-se a necessidade de explorar as geografias dos meninos, das mulheres e dos velhos.

b- Uma nova maneira de entender a diversidade geográfica : as imaginações geográficas

A Geografia Regional de ontem estudava a organização do espaço como o resultado da ação de parcela da população que trabalhava e produzia. Hoje, os geógrafos têm interesse em todas as formas de percepção dos lugares, de construção do outro e de fixação da fronteira entre nós e os estrangeiros.

A exclusão social e a segregação espacial aparecem como formas simétricas e complementares na construção de grupos diferenciados e conscientes de suas especificidades (Gregory, 1994). Tal construção resulta da capacidade imaginativa dos indivíduos e das culturas. Todos conhecem o trabalho do escritor palestino Edward Said sobre a construção do Oriente no imaginário ocidental no final do século dezoito e no século dezenove. Seus livros constituem exemplos clássicos de estudos sobre a imaginação geográfica. O trabalho de M. W. Lewis e de K. E. Wigen (1997) sobre o mito dos continentes denota interesse semelhante.

c- Reflexões sobre as identidades e territorialidades

O espaço jamais aparece como um suporte neutro na vida dos indivíduos e dos grupos. Ele resulta da ação humana que mudou a realidade natural e criou paisagens humanas e humanizadas. Os lugares e as paisagens fazem parte da memória coletiva. A lembrança do que aconteceu no passado dá forte valor sentimental a certos lugares.

Os mitos religiosos e políticos mudam a natureza de parcelas do espaço : existem fontes, florestas, árvores e serras que viram sagradas, enquanto os seus arredores permanecem profanos.

As identidades individuais e coletivas são fortemente ligadas ao desenvolvimento da consciência territorial. Num tempo em que a globalização ameaça muitas identidades, a luz que a abordagem cultural põe nas relações entre identidades e território indica interessantes perspectivas de ação.

Muitas vezes a nova Geografia Cultural apresenta-se como uma orientação, em que a imaginação e a inventividade do pesquisador são mais importantes do que nas Geografias do passado. Neste sentido, a nova Geografia Cultural é mais livre, na sua abordagem da realidade, do que as Geografias do passado.

Para muitos geógrafos, essa liberdade tem um preço : o esquecimento das dimensões sociais da vida. Trata-se de crítica feita por Anthony Giddens à Geografia do Tempo (aspecto importante da nova abordagem cultural) de Torsten Hägerstrand :

A importância que Hägerstrand concede às práticas sociais diárias é mais evidente e mais clara : com insistência, ele afirma que deseja utilizar a Geografia do espaço-tempo para entender o impacto de um dia comum de uma pessoa comum sobre a organização global dos sistemas sociais. Todavia, a Geografia do espaço-tempo apresenta lacunas bem definidas [...].

Minhas críticas principais são : primeiro, [a Geografia do espaço-tempo] pressupõe e contém uma concepção ingênua e deficiente do agente humano. Por conceder uma grande importância à «corporalidade» do ser humano nos contextos sócio-temporais estruturados, Hägerstrand desenvolve idéias que estão de acordo com as que tentei elaborar anteriormente. Todavia, ele tem uma tendência a considerar que as «pessoas» são constituídas independentemente dos ambientes sociais em que elas se encontram na sua vida diária (Giddens, 1987, p.170).

Embora a Geografia Cultural tenha aparecido, nos anos 1980, de forma um pouco ingênua, atualmente, essa crítica deixa de ser pertinente. Através do estudo da comunicação, a abordagem cultural oferece nova perspectiva de construção da sociedade.

O problema da abordagem cultural na Geografia e a perspectiva da comunicação

a- Como reestruturar a Geografia Humana ?

Das três vertentes da Geografia Cultural que se desenvolveram na primeira metade do século vinte, a que tratava da comunicação tornou-se menos rica que as outras : a difusão de inovações permanecia o único domínio onde existiam muitas publicações.

Nos estudos versando sobre as relações homens/meio ambiente e sobre as realidades regionais, a crítica às concepções naturalistas ou neopositivistas da ciência conduziu a uma fragmentação dos campos de pesquisa. Em lugar de estudar “a cultura inglesa”, “a civilização chinesa”, os trabalhos falam “das comunidades paquistanesas em Birmingham”, “dos bairros ricos de Vancouver” ou “das mulheres nos subúrbios da zona sul em Chicago”.

Como evitar essa fragmentação excessiva ? Já não se pode acreditar na possibilidade de invocar uma razão universal para explicar a organização da realidade social. Por isso se deve informar

que regularidades aparecem na vida social, que a percepção da paisagem e da realidade social é uma construção social e que perspectivas semelhantes existem nos grupos sociais. Isso constitui a primeira causa da significação da comunicação para a geografia de hoje. A segunda causa resulta do impacto da revolução das telecomunicações sobre as formas de sociabilidade e sobre a globalização nos últimos quarenta anos (Claval, 2001 - c).

b- Técnicas de comunicação e conteúdo das culturas

Nos estudos recentes na abordagem cultural, o primeiro tema põe em foco as correspondências e as relações entre técnicas de comunicação e formas de cultura (Claval, 2001 - c; 2001 - d). Quando a comunicação repousava somente sobre a palavra e a imitação dos gestos e atitudes, o alcance espacial da transferência das informações permanecia muito reduzido – apenas a alguns metros. O mito teve um papel importante por não existirem memórias objetivas.

Na componente popular das sociedades históricas, a cultura tinha muitos recortes comuns com os das sociedades etnológicas. Para suas elites a situação demonstrava-se diferenciada. Graças à escrita, elas poderiam comunicar-se facilmente com lugares afastados e manter uma memória objetiva do passado. Muitas vezes, a Revelação tornou-se a base das religiões.

Com o rádio e a televisão, as culturas contemporâneas delegam um papel importantíssimo à palavra e ao gesto, entretanto convém ressaltar que tal transferência de informações (expressas sobre estas formas) não se restringe ao local. Os meninos portugueses, franceses, alemães e ingleses olham os mesmos desenhos animados americanos dos japoneses. É o tempo das culturas de massa. Culturas técnicas e científicas dos que navegam na internet substituem as culturas das elites tradicionais.

c- Comunicação informativa e comunicação simbólica

A comunicação tem muitas vezes um conteúdo prático e técnico. Nesse caso, o problema é o de assegurar a transferência de uma quantidade importante de informações. A comunicação também pode ter um conteúdo simbólico. Nesse caso, um sinal breve basta para fazer ressoar os corações de muitas pessoas ao mesmo ritmo e dar um sentido de identidade compartilhada.

A comunicação simbólica resulta da construção do *eu* e do *nós* através da educação e da experiência de cada um. Os problemas de comunicação simbólica, de identidade e de territorialidade aparecem fortemente ligados.

O papel da comunicação simbólica já foi ressaltado por Jean Gottmann em 1952. A comunicação simbólica constitui o cimento das grandes construções políticas.

d- Formas de comunicação e construção do sagrado, das religiões e das ideologias : os universos normativos

A comunicação também é importante por estabelecer uma ligação entre nosso mundo e os outros mundos (Claval, 2001 - d). Ela permite a exploração do além. A visão do mundo a partir de um outro mundo delinea o bem e o mal. Não existem valores sem o além.

A Geografia que se desenvolveu nos séculos dezenove e vinte era concebida como uma construção puramente científica. O seu objetivo era o de estabelecer uma explicação do mundo concebido como um conjunto de mecanismos. Todos os aspectos normativos do pensamento geográfico foram esquecidos, tais como a análise do sagrado e do profano, da vida religiosa ou da dimensão ética do planejamento e da preservação ambiental.

Conclusão

Para compreender a ação humana, a nova abordagem cultural na Geografia oferece muitas e ricas perspectivas :

1- A dimensão ecológica da Geografia Humana tornou-se uma preocupação central da disciplina. Ela deve ser conduzida numa perspectiva crítica.

2- A paisagem não se apresenta tão-somente como um reflexo do funcionamento passado ou presente da sociedade. As relações emocionais entre a paisagem e o observador são analisadas. O papel da paisagem nas estratégias de poder e de dominação é explorado. A significação da paisagem na construção ou na preservação das identidades é ressaltada.

3- Maior atenção voltada às dimensões sociais e mentais das técnicas.

4- A nova abordagem regional parte do indivíduo e do lugar e não do país, da região ou do grupo. A experiência do lugar e do espaço se faz através do corpo. A Geografia vivida pelos meninos, mulheres e velhos diferem muito das Geografias dos adultos masculinos.

5- A diversidade regional da terra não é natural. Ela resulta do trabalho humano que mudou a natureza, e das categorias mentais usadas para opor o próximo e o distante, o familiar e o vizinho do estrangeiro. A construção das categorias regionais exprime a potência da imaginação geográfica.

6- O sentimento de pertença regional nunca se apresenta como automático e natural. Nasce de um processo de integração do eu em um meio ambiente e social particular. As regiões geográficas têm uma dimensão afetiva, psicológica e simbólica que cumpre um papel fundamental.

7- O conteúdo e o papel das culturas dependem dos modos dominantes de comunicação. As culturas da palavra diferem muito das culturas da escrita.

8- A comunicação simbólica une os homens que partilham uma mesma cultura e os mesmos valores, mas, para tornar-se operacional e funcional, torna-se necessário um longo trabalho de educação e de construção do eu e do nós.

9- Para entender os objetivos da ação humana, tem-se que supor ser possível a comunicação com outros mundos. Os geógrafos têm de estudar o papel desses outros mundos na diferenciação do sagrado e do profano, e na construção das categorias do bem e do mal.

Esses nove pontos mostram que a “volta do cultural” facilita a compreensão da ação humana. Mas a mudança tornou-se mais profunda :

10- Um número crescente de geógrafos culturais acredita que têm a responsabilidade de extrair da Geografia uma reflexão sobre a moral geográfica. Autores como David Harvey, Robert Sack, Nicholas Entrikin e Augustin Berque partilham essa preocupação, mesmo não apontando as mesmas soluções.

11- Uma das ambições da geografia científica de inspiração naturalista ou positivista era de se mostrar completamente diferente dos conhecimentos geográficos que existiam nas culturas populares ou nas civilizações tradicionais.

A crítica moderna mostrou que parte importante dos dados geográficos usados pela Geografia científica eram coletados em entrevistas com pessoas escolhidas pelo seu conhecimento dos saberes geográficos populares.

A fronteira entre Geografia Científica e Geografias Vernaculares ou Etnogeografias nunca foi completamente fechada. Daí o desenvolvimento de uma linha de pesquisa sobre os saberes geográficos vernaculares. Essa nova orientação é muito importante para entender a ação humana.

Bibliografia

- Augé, Marc, 1992, *Non-lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*, Paris, Le Seuil.
- Berque, Augustin, 1990, *Médiance. De milieux en paysage*, Montpellier, Reclus.
- Berque, Augustin et alii, 1994, *Cinq propositions pour une théorie du paysage*, Seyssel, Champ Vallon.
- Berque, Augustin, 1995, *Les raisons du paysage. De la Chine antique aux environnements de synthèse*, Paris, Hazan.
- Berque, Augustin, 1996, *Etre humains sur la Terre. Principes d'éthique de l'œcoumène*, Paris, Gallimard.
- Berque, Augustin, 2000, *œcoumène. Introduction à l'étude des milieux humains*, Paris, Belin.
- Bonnemaison, 2001, *La Géographie culturelle*, Paris, CTHS.
- Claval, Paul, *Histoire de la géographie*, Paris, PUF, 1995
- Claval, P., 1999, *A Geografia cultural*, Florianópolis, Editora da UFSC; ed. or., *La géographie culturelle*, Paris, Nathan, 1995.
- Claval, P., 2001-a, *Epistémologie de la géographie*, Paris, Nathan.
- Claval, P., 2001-b, "Éthique et nature. Une approche conceptuelle", *Géographie et cultures*, n° 37, p.3-22.
- Claval, P., 2001-c, «The cultural approach in geography : the perspective of communication», *Norsk Geografisk Tidsskrift / Norwegian Journal of Geography* vol. 55, n° 3, p. 126-137.
- Claval, P., 2000-d, «The geographical study of myths», *Norsk Geografisk Tidsskrift / Norwegian Journal of Geography* vol. 55, n° 3, p. 138-151.
- Claval, P., 2001-e, «Champs et perspectives de la géographie culturelle», *Géographie et cultures*, n° 40, p. 5-28.
- Cook, I, Coach, D., Naylor, S. and Ryan, J. R. (eds.), 2000, *Cultural Turns/Geographical Turns*, Harlow, Pearson Education Limited.
- Cosgrove, Denis, 1984, *Social formation and Symbolic Landscape*, Londres, Croom Helm.
- Duncan, James, 1990, *The City as Text : the Politics of Landscape Interpretations in the Kandyan Kingdom*, Cambridge University Press.
- Entrikin J.N., 1997, "Lieu, culture, et démocratie", *Cahiers de Géographie du Québec*, vol. 41, p. 349-56.
- Entrikin J.N., 1999, "Political community, identity and cosmopolitan place", *International sociology*, vol. 14, p. 269-82.
- Foucault, Michel, 1976, *Surveiller et punir*, Paris, Gallimard.
- Geertz, Clifford, 1973, *The interpretation of cultures*, New York, Basic Books.
- Giddens, Anthony, 1987, *La Constitution de la société*, Paris, PUF.
- Gottmann, Jean, 1952, *La Politique des Etats et leur géographie*, Paris, A. Colin.
- Gregory, Derek, 1994, *Geographical Imaginations*, Oxford, Blackwell.
- Harvey, David, 1996, *Justice, Nature and the Geography of Difference*, Oxford, Blackwell.
- Harvey, David, 2000, *Spaces of Hope*, Berkeley, University of California Press.
- Hoefle, Scott W., 1997, "Le paradis et l'enfer : la dimension oubliée de la perception de l'espace. L'exemple du Sertão", *Géographie et cultures*, n° 21, p. 93-118.
- Lewis, M. W. et Wigen, K., E., 1997, *The Myth of Continents. A Critique of Metageography*, Berkeley, University of California Press.

- Lindeman, R. L., 1942, "The trophic dynamic aspect of ecology", *Ecology*, vol. 23, p. 399-418.
- Odum, Eugene P., 1959, *Fundamentals of Ecology*, Philadelphia, W. B. Saunders.
- Olwig K., 1996, " 'Nature': Mapping the ghostly traces of a concept"; in Earle C., Mathewson K., Kenzer M., *Concepts in Human Geography*, Lanham, Rowman & Littlefield, p. 63-96.
- Pelletier, Philippe, 1993, *L'Imposture écologique*, Paris-Montpellier, GIP-Reclus.
- Roger, Alain, 1997, *Court Traité du paysage*, Paris, Gallimard.
- Sack, Robert, 1997, *Homo Geographicus. A Framework for Action, Awareness and Moral Concern*, Baltimore, the Johns Hopkins University Press.
- Sack, Robert, 2001, «The geogrp hic problematic : moral issues», *Norsk Geografisk Tidsskrift / Norwegian Journal of Geography* vol. 55, n° 3, p.117-125.
- Said, Edward, 1980, *L'Orientalisme. L'orient créé par l'Occident*, Paris, le Seuil; ed. inglesa, 1978.
- Sautter, Gilles, 1979, «Le paysage comme connivence», *Hérodote*, n° 16, p. 40-67.
- Trochet, Jean-René, 1993, *Aux Origines de la France rurale. Outils, pays et paysages*, Paris, CNRS.
- Trochet, Jean-René, 1998, *La Géographie historique. Hommes et territoires dans les sociétés traditionnelles*, Paris, Nathan.
- Valentine, Gill, 2001, "Whatever happened to the social ? Reflections on the 'cultural turn' in British human geography", *Norsk Geografisk Tidsskrift / Norwegian Journal of Geography* vol. 55, n° 3, p. 166-172.